



Figura 1: Nó de Nelson na farda de um Oficial inglês

Fonte: <www.defenceimagery.mod.uk>

O LEGADO DE ALMIRANTE NELSON PARA A ARMADA

Aspirante Vitor Curado Both

Os homens sempre procuraram, talvez primeiro mais pela curiosidade do que pela necessidade, descobrir o que havia no mar, ou para além dele, à vista do imenso horizonte. A partir do momento em que foram constatadas as suas vantagens para a vida do homem, tais como as facilidades de transporte e as fontes de alimentos, os povos passaram a viver intimamente ligados ao mar e transferiram-se para as regiões litorâneas.

A Marinha de Guerra surgiu quando os homens, ao identificarem as riquezas dos rios e dos oceanos para suas civilizações, sentiram a necessidade de defendê-las. E tão importante foi para essas nações, que os maiores impérios existentes no mundo (gregos e romanos) ocorreram devido à hegemonia no Mar Mediterrâneo e a conquista do seu redor. Os registros mais antigos de batalhas navais referem-se à invasão da região do Chipre pelos chamados “Povos do Mar”, por volta de 1200 a.C., dominada na

época pelos fenícios. Desde então, com a expansão dos antigos impérios e o domínio do mar por habitantes europeus, surgiam cada vez mais técnicas de navegação e de combate marítimo, além de maiores embarcações e a sofisticação do transporte aquático.

No entanto, muitos, através de todo esse tempo na busca pela descoberta do desconhecido, ficaram pelo mar e não puderam voltar. Aqueles que se arriscavam a navegar, até que desenvolvessem tecnologias e ferramentas de navegação, passavam tempo demais no mar e aprenderam a viver no ambiente confinado das embarcações e, depois, dos navios. Estes indivíduos, os homens do mar, sempre possuíram características específicas, e a cultura naval surgiu com muitas tradições, que até hoje, em todas as Marinhas do mundo, estão presentes e são cultivadas.

A tradição naval foi criada através do espírito coletivo dos tripulantes, que precisam e sempre precisa-

ram se unir para vencer os desafios de navegar, além de vencer o inimigo no mar e as intempéries da natureza para chegarem a seus destinos. No referente à Armada (nome designado à Marinha de Guerra), além de características militares (tais como coragem, patriotismo, disciplina e hierarquia), encontra-se o modo típico de vida a bordo, com costumes que forjaram a mentalidade marítima. Tais costumes encontramos nas linguagens, nas cerimônias e nos uniformes dos marinheiros.

Uma das maiores e mais importantes civilizações que tiveram o mar presente na vida de seus habitantes e cultivaram tradições navais, expandindo ao resto do mundo, é a Inglaterra. Cercada pelo Oceano Atlântico, sendo situada em uma das Ilhas britânicas, a Grã-Bretanha, e sendo parte do Reino Unido, esta nação sempre dependeu do mar para progredir. Várias guerras e batalhas marítimas atravessam sua história. Considera-se de máxima importância o domínio marítimo através da atuação do Reino Unido na Primeira Guerra Mundial (I GM), sendo a Marinha Real Britânica a maior e mais poderosa do mundo no período, e a Força que decidiu a Guerra, após uma acirrada disputa com a Marinha alemã. O maior nome desta Marinha, contudo, disputou Guerras muito antes da I GM. Foi um homem que nasceu para o mar e, através dele, se tornou exemplo para a humanidade. Lord Nelson, o grande responsável pela derrota de Napoleão Bonaparte, deu origem ao símbolo do Corpo da Armada, que está presente, principalmente, nas platinas nos ombros dos Oficiais da Marinha de várias nacionalidades.

A CONSTRUÇÃO DE UM NAUTA

Considerado um dos maiores comandantes militares e estrategistas do mar de todos os tempos, o grande nome influente do Corpo da Armada representou honrosamente o espírito de um marinheiro ao longo de sua

vida. Integrante da Marinha desde muito jovem, foi criado em navios e acostumou-se com o mar, aprendendo todos os seus segredos.

Horatio Nelson nasceu em 29 de setembro de 1758, em Burnham Thorpe, uma vila próxima a Norfolk, na Inglaterra. Os primeiros anos de sua vida passou ouvindo o som das ondas na costa que envolvia a vila e admirando a sua bela vista, tendo contato com marinheiros mercantes. Assim, mesmo antes de transferir-se para a vida de bordo, o maior navegador britânico já era identificado com o mar. Certa vez, com apenas 12 anos de idade, Nelson pediu a seu pai que convencesse seu irmão Maurice, que era da Marinha, a chamar o sobrinho para ingressar na Royal Navy. Sua primeira experiência profissional foi a bordo do navio *HMS* “Reasonable”, comandado por seu tio, que não havia gostado da ideia de trazer o garoto, mas, aceitado mesmo assim.

Seu progresso no serviço naval foi tão positivo que, um ano depois, o Capitão Maurice Suckling decidiu enviá-lo para realizar uma viagem para o Caribe a bordo de um navio mercante, depositando confiança no sobrinho, que era Aspirante na ocasião. Após esta viagem, em 1772, quando havia regressado

para a Royal Navy no navio *HMS* “Triumph”, uma expedição científica para o Polo Norte surgiu, e Nelson se candidatou. A resposta, porém, foi negativa e foi dito que os Oficiais não aceitariam garotos, pois eles não eram úteis. Caracteristicamente persistente e ambicioso, o jovem Aspirante se imaginou servindo como um adulto, e sugeriu que, então, embarcasse na comissão como timoneiro. O Comandante, Captain Lutwidge, percebendo seu desejo voluntário e sua vibração com o serviço, aceitou.

Essas virtudes servis de Lord Nelson, junto a in-críveis experiências adquiridas no Ártico, forjaram sua capacidade íntima de lidar com o mar, tornando-o



Figura 2: Almirante Nelson

Fonte: National Maritime Museum website.

um verdadeiro nauta. A abordagem deste artigo não é mais uma biografia de um herói de guerra, mas sim a apresentação do legado de um estrategista audacioso, um líder que, em tempo de guerra, sutilmente burlou a hierarquia, sem desrespeitá-la, chamando para si a responsabilidade decisória de comandar ataques a frota inimigas, partilhando da opinião de subalternos em questões táticas. Como nos diz Conrad (1999, p.152),

E os homens de seu tempo o amavam. Eles o amavam não só como exércitos vitoriosos amaram grandes comandantes; eles o amavam como o sentimento mais íntimo, como um dos seus. [...] Ele confiava em seus companheiros tanto quanto eles confiavam nele. Era um marinheiro de marinheiros.

CICATRIZES DE GUERRA

Em 1777, Nelson passou nos exames para tenente e foi transferido para a fragata “Lowesoft”, a comando de Captain William Locker. Seu primeiro comando foi a escuna “Little Lucy”, durante a Guerra da Independência Americana. A partir daí, Horatio serviu em vários navios de diferentes classes e participou de inúmeras ba-



Figura 3: Nelson ao ser atingido no braço direito
Fonte: National Maritime Museum website.

talhas navais, com destaque para a Batalha do Nilo ou da baía de Aboukir (1798), em que se tornou herói nacional, após afundar quase toda a escolta de Napoleão, deixando o exército francês isolado no Egito.

De janeiro a agosto de 1794, a Grã-Bretanha participou de uma campanha naval contra os franceses que se baseou em um cerco à ilha de Córsega, no mar mediterrâneo. No dia 12 de julho, durante combates perto da cidade de Calvi, lascas de madeira do convés do HMS “Agamemnon” estilhaçadas por uma bala de canhão de artilharia inimiga atingem o rosto de Lord Nelson, causando a perda da visão de seu olho direito. Por isso, embora ele nunca tenha usado tampão ou curativo (pois seu olho não mudou de aparência), em muitas representações de sua figura retrata-se uma bandagem no local.

Nos anos que se seguiram, Nelson ascendeu rapidamente na carreira, recebendo títulos de nobreza e importantes funções. Recebeu o grau de Cavaleiro em 1797, tornou-se Barão em 1798, Visconde em 1801 e, finalmente, foi nomeado “Comandante em Chefe” da Esquadra do Mediterrâneo em 1803, encargo que assumiu até sua morte, na batalha de Trafalgar, em 1805.

Um conflito que o Lord jamais esqueceu ocorreu após sua decisiva atuação na Batalha do Cabo de São Vicente, durante as Guerras da Revolução Francesa (1793-1799), em 14 de setembro de 1797, quando o então Comodoro¹ Horatio Nelson servia a bordo do navio HMS “Captain”. Em uma incursão da força britânica para a ilha de Tenerife, nas Canárias, Nelson sofreu uma das piores consequências de um combate para sua vida. Durante uma tentativa de ataque inglês contra a fortaleza e cidade de Santa Cruz, Nelson, ao saltar do bote, recebeu um tiro em seu cotovelo, que causou a amputação de seu braço direito.

CONTEXTO PRÉ-TRAFALGAR

Devido às memoráveis batalhas contra os franceses nas Guerras da Revolução Francesa e nas Guerras Napoleônicas, no início do século XIX, a Inglaterra tornou-se a grande potência naval da época, alcançando uma supremacia europeia e mundial. Este contexto se deu graças à ocorrência de grandes transformações dos meios navais anteriores.

Com o desenvolvimento dos navios de guerra nos séculos XVI e XVII, diferentes tipos de navios à vela foram classificados, a partir de importantes mudanças na estrutura e dimensão das embarcações. Entre essas

¹ Comodoro é um posto da Royal Navy situado entre Rear-Admiral (Contra-Almirante) e Captain (Capitão-de-Mar-e-Guerra).

mudanças, podemos citar um aumento considerável de tamanho, com mais conveses e um elevado número de canhões. Também se proporcionou grande velocidade e capacidade de manobras devido à maior quantidade de mastros e velas, aperfeiçoando o sistema de propulsão.

Uma classe que foi essencial, especialmente para a Grã-Bretanha (na verdade a sua vantagem nas batalhas), era dos sofisticados tipos de navios à vela denominados navios de linha, cujo número de canhões era 60 ou mais. Eram verdadeiras máquinas de guerra destruidoras, também por causa das brilhantes técnicas inglesas de recarga rápida de seus numerosos canhões, que eram posicionados pelo través, em aberturas conhecidas como “portinholas”. Não eram tão velozes como as fragatas, porém, podiam engajar nas linhas inimigas com grande poder de fogo.

Assim, os navios de linha eram os principais componentes de combate das Armadas na época. Um dos primeiros navios dessa classe foi construído na Inglaterra em 1637, com três conveses e cerca de 100 canhões, chamado de “Sovereign of the Seas” (“Soberania dos mares”) (tradução livre). Mas sem dúvida, o mais famoso navio de linha, lançado em 1765 e comissionado em 1778, é o HMS “Victory”, a grande belonave capitânia de Nelson na Batalha de Trafalgar. Sua vitória nesta batalha possibilitou todas as outras vitórias britânicas no conflito anglo-francês e teve como consequência uma prosperidade inglesa nos mares por mais de um século, enquanto o mundo passava por um período chamado *Pax Britannica*, que durou até a I GM, em 1914.

BATALHA DE TRAFALGAR

Em 12 de dezembro de 1799, o então General Napoleão Bonaparte foi nomeado Primeiro-Cônsul da França. Após ter subido ao poder, iniciaram-se as chamadas Guerras Napoleônicas (1799-1815), cujas principais batalhas navais foram a Batalha de

Copenhague (abril de 1801), a Batalha do Cabo Finisterra (julho de 1805) e a Batalha de Trafalgar.

No ano de 1805, Napoleão, após ter conquistado grande parte da Europa, planejava a execução de sua maior e mais difícil ambição: invadir as ilhas britânicas. Esse objetivo só seria cumprido, no entanto, se ele conseguisse o controle do mar, e para isso precisaria derrotar a temida Marinha Real Britânica, uma verdadeira pedra no seu sapato por todos aqueles anos. Assim, Bonaparte uniu suas forças navais com seus aliados espanhóis, convocando-os na tentativa de cruzar o Canal da Mancha, que separa o norte da França à Ilha da Grã-Bretanha. As forças aliadas eram comandadas pelo Almirante francês Pierre Villeneuve, que comandou sua frota a bordo do navio de linha “Bucentaure” e do Almirante espanhol Frederico Gravina.

O então Vice-Almirante Visconde Nelson comandava uma força naval que realizava um bloqueio ao porto espanhol de Cádiz, quando partiu rumo aos navios inimigos com a intenção de derrotar de uma vez por todas o poder naval de Napoleão. Ele encontrava-se a bordo de seu majestoso navio de linha HMS “Victory”, à frente de uma das colunas. A outra era liderada pelo Almirante Collingwood, a bordo do HMS “Royal Sovereign”.

Assim, no dia 21 de outubro do referido ano, encontrava-se no cabo de Trafalgar a esquadra franco-



Figura 4: HMS “Victory” infiltrado nas linhas inimigas
Fonte: <ecury.com.br>

-espanhola com 33 navios de linha, cinco fragatas e dois brigues, uma vez que a esquadra britânica possuía somente 27 navios. As táticas daquela época recomendavam que os navios se postassem de lado e com os canhões atirassem no inimigo, mas o tirocínio e a vivacidade de Nelson fizeram com que ele, em inferioridade numérica, mas em superioridade operacional, decidisse exatamente o contrário, tendo um *insight* de atacar com duas colunas de navios em direção à frota espanhola, atingindo-a perpendicularmente. Essa estratégia tinha o objetivo de surpreender o inimigo, surgindo no seu entorno, separando a linha formada por seus navios, e os atingindo com o disparo rápido de três balas de canhões por vez, técnica aprimorada pelo herói inglês a seus adestrados marujos.

Logo no início do conflito, porém, Nelson foi atingido no ombro por um tiro de mosquete disparado de um atirador a bordo do navio francês “Redoutable”, que perfurou seu pulmão e causou sua morte, algumas horas depois. O Almirante foi levado para as cobertas do navio, de maneira que a tripulação não soubesse que ele tinha sido atingido. De lá, passava ordens ao comandante da Victory, Captain Thomas Hardy, de controle de avarias e manobras de combate. Antes de morrer, Lord Nelson tomou conhecimento da vitória, e soube o rumo que a batalha tomou, dizendo as seguintes palavras: “Thank God I have done my duty” (“Graças a Deus cumpri o meu dever”) (tradução livre).

No final, mais de dois terços da frota franco-espanhola foram afundados enquanto não houve nenhuma baixa inglesa. Esta estratégia desafiadora é até hoje discutida, pois houve um grande risco assumido pelos ingleses, mas que culminou com a vitória, pela visionária e destemida coragem daquele comandante que

usou seus recursos estratégica e audaciosamente focados para a vitória e defesa da pátria.

[...] houve algo inesperado e de certa forma inusitado: os homens do Victory, que deveriam colocar sobre o sarcófago as bandeiras furadas à bala que haviam desfraldado durante o desfile, rasgaram a maior das três bandeiras do Victory, em tiras e as colocaram em seus bolsos como uma lembrança do maior e mais querido de seus comandantes. (VIDIGAL, 2011, p.23).

O LEGADO

Horatio Nelson era um homem voluntarioso, obcecado pelo mar, um marujo que amava sua pátria mais que a própria vida, e, sobretudo, um homem que acreditava em si mesmo. As características exemplares de Lord Nelson influenciaram marinheiros no mundo todo e deixaram um legado eterno para o Corpo da Armada. Sua liderança, capacidade de conquistar o respeito e o afeto de toda sua tripulação, bravura e ousadia no combate o diferenciavam de outros heróis navais, uma vez que somente Nelson combinava todas essas qualidades em um só personagem.

Uma virtude que o destacava era que, além de audacioso e entusiasta, o Almi-

rante inglês possuía um carisma diferenciado, com grande habilidade de relacionamento interpessoal. Sua tripulação gostava dele e confiava nele, e a união que proporcionava no ambiente de bordo tornava o grupo imbatível. Embora a disciplina tradicional fosse utilizada nos seus navios, Nelson gerou entusiasmo em suas tripulações, a maioria forçada a servir no mar, por causa de suas vitórias, frases de efeito e boas condições providas aos seus marinheiros. Todos, do Comandante ao mais moderno, conheciam seu plano, serviam à causa e cumpriam seu dever.



Figura 5: Detalhe na farda original da perfuração causada pelo tiro que o matou na batalha de Trafalgar (1805)

Fonte: National Maritime Museum website.

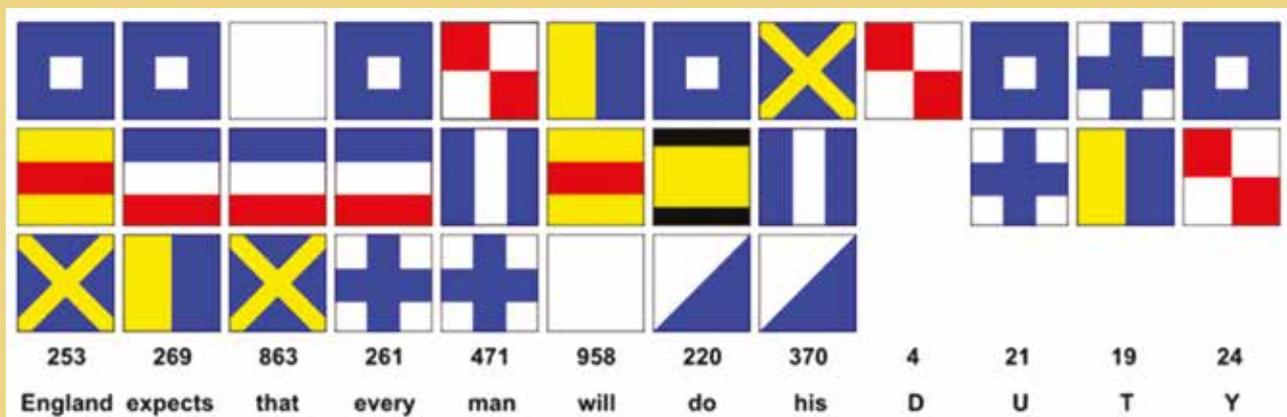


Figura 6: Sinal de bandeiras que foi içado no HMS “Victory”

Fonte: <www.naval.com.br>

O legado de Nelson, portanto, não é um testamento deixado por ele, mas sim aquilo que foi passado a partir de suas ações aos que o seguiram. Vários países aliados à Inglaterra inspiraram-se no herói inglês e adotaram suas tradições, que se perpetuam, entre outros aspectos, em seus uniformes. Podemos citar, dentre outras, as Marinhas Portuguesa, Canadense, de Angola, da Noruega, Australiana, do Moçambique e, sobretudo, a Marinha do Brasil.

Podemos encontrar diversas influências de Nelson em nossa Marinha. Ele era um comandante que utilizava muitas frases para motivar seus subordinados, mostrando-as em sinais de bandeiras. A mais célebre delas ocorreu na Batalha de Trafalgar, durante sua aproximação às linhas de navios inimigas, quando mandou içar o sinal nos mastros do “Victory”: “England expects that every man will do his duty” (“A Inglaterra espera que cada um cumpra o seu dever”). Este motivante sinal serviu de exemplo ao Almirante Barroso na Batalha Naval do Riachuelo, durante a Guerra do Paraguai, que representa a data magna da Marinha do

Brasil, ocasião em que Barroso utilizou a frase “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”, no mastro principal da Fragata “Amazonas”.



Figura 7: Detalhe da “volta de Nelson” em seu dólmã. Museu Madame Tussauds, Paris, 2015

Fonte: The art of galeote.

Na cidade do Rio de Janeiro, também podemos encontrar um pouco do legado de Nelson. Está situado na Praça Mauá um monumento em homenagem ao Barão de Mauá, que foi inspirado na famosa Coluna de Nelson, construída de 1840 a 1843 na praça turística de Londres chamada Trafalgar Square.

Seus feitos foram tão admiráveis que também passaram a compor partes do vestuário militar, como o principal símbolo representativo do Oficial da Marinha. Nos uniformes do Corpo da Armada, o mais alto galão no punho das fardas dos oficiais é terminado por uma volta que, segundo a tradição, lembra o arremate que o Almirante Nelson fez em um botão de sua farda para prender a manga solta

devido à falta do braço perdido na batalha de Santa Cruz de Tenerife, que originou a insígnia conhecida como “nó de Nelson”. A Marinha portuguesa, entre várias outras aliadas da Inglaterra, adotou o símbolo.

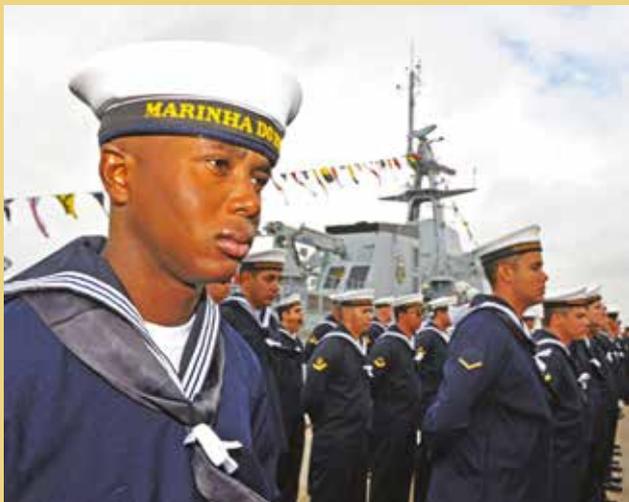


Figura 8: marinheiro com as alcaixas na gola
Fonte: Jornal Comarca, 2013.

Na Marinha do Brasil, ele é encontrado somente nas fardas dos Oficiais do Corpo da Armada.

Também nos uniformes dos marinheiros, a gola de fundo azul lembra o mar e recebeu três faixas brancas, as “alcaixas”, que representam as três vitórias do Lord Nelson contra a esquadra francesa. A cultura naval

inglesa glorificou-as nas golas dos marujos para que sempre se lembrem da importância do cumprimento do dever, não como uma mera repetição de atos e normas, mas que sejam parte de um ideal, um compromisso a ser assumido por cada um e em prol de todos.

Abaixo uma citação do renomado Almirante norte-americano Alfred T. Mahan, ao se referir à morte do herói:

Lá, cercado pelos companheiros de seu triunfo, e pelos troféus de suas proezas, nós deixamos o herói com sua glória. Partilhando de nossas fraquezas mortais, ele nos deixou um legado de um devotamento pessoal, que era nele ideia fixa, que nunca perecerá. Como o hino do seu funeral proclamou, enquanto a nação se levantava, “o corpo é enterrado em paz, mas seu nome viverá para sempre”. As guerras podem terminar, mas a necessidade de heroísmo nunca deixará a terra, enquanto o homem continuar homem e existir o mal para ser remediado. Enquanto houver perigo a ser enfrentado ou dever a ser cumprido, à custa do indivíduo, os homens tirarão inspiração do nome e dos feitos de Nelson. (VIDIGAL, 2011, p.20).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Adalberto. *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*. Lisboa: INCM, 2013.
- CESAR, William Carmo. *Uma história das guerras navais: o desenvolvimento tecnológico das belonaves e o emprego do Poder Naval ao longo dos tempos*. Rio de Janeiro: FEMAR, 2013.
- CONRAD, Joseph. *O espelho do mar. Seguido de um Registro Pessoal*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- GALANTE, Alexandre. *Horatio Nelson, o Almirante Nelson*. Disponível em: <www.naval.com.br/blog/2008/12/07/horatio-nelson-o-almirante-nelson>. Acesso em: 22 set. 2015.
- IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (coord). *Coleção história temática retrospectiva, I-II grau*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 63-64.
- LOURENÇO, Geraldo. Alcaixa. *Revista da APA*. Lisboa, n.1, Ano 1, P.XX-YY, dez. 2004. Disponível em <www.apracas.pt/home/menu/alcaixa/N1/N1_pag2.pdf>. Acesso em: 22 set. 2015.
- MILLER, Ben. Nelson, *Navy, Nation*: national maritime museum’s story of Royal Navy and British people. *Cultura* 24, 16/October/2013. Disponível em <www.cultura24.org.uk/history-and-heritage/military-history/pre-20th-century-conflict/art456235>. Acesso em: 05 set. 2015.
- O PANORAMA: *Jornal Litterario e Instructivo*. Lisboa, v. 4, p.258, 1840.
- RUMELT, Richard P. *Estratégia boa, estratégia ruim: descubra suas diferenças e importância*. Tradução de Leonardo Abramowicz. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- THE NELSON SOCIETY. Disponível em: <nelson-society.com>. Acesso em: 22 set. 2015.
- TRADIÇÕES DO MAR: usos, costumes e linguagem. Disponível em: <www.mar.mil.br/menu_v/tradicoes_do_mar/tradicoes_do_mar.htm>. Acesso em: 22 set. 2015.
- VIDIGAL, Armando. *Almirante Nelson: o homem que derrotou Napoleão*. São Paulo: Contexto, 2011.